

**Relatório Fotográfico Descritivo de Ameaças Ambientais na Serra do
Itapetinga**

**SIMBIOSE
Setembro de 2007**

“Se ainda há paisagem pra enxugar as vistas, agradeçamos a uns poucos corajosos que não choram no fogo, nem com franzidas caras feias”.

1. Resumo

O presente relatório fotográfico e descritivo quer atentar a Promotoria de Justiça sobre práticas atualmente observadas na Serra do Itapetinga e que não são vistas pelos elaboradores deste documento como positivas às populações que, de alguma forma, inserem-se no espaço em questão (direta ou indiretamente), muito menos à flora, fauna e aos ecossistemas ali existentes.

Podem faltar alguns apontamentos que, todavia, apesar de importantes para a compreensão do quadro, pouco influenciarão na relevância deste relatório, dadas as atrocidades e práticas ilegais aqui já elocubradas.

2. Incêndios criminosos



Foto 01: grupo de voluntários da OSCIP Simbiose combatendo incêndio nas terras de Carlos Brito, encosta oeste da Serra do Itapetinga, nas imediações do condomínio Arco-Íris. Dentre as possibilidades para que o sinistro florestal começasse destacam-se a alta incidência de carrapatos trazidos por eqüinos que pastam nas imediações das trilhas de acesso ao lajedo Pedra Grande; limpeza das mesmas; limpeza de terreno para atividade imobiliária (loteamentos); vandalismo e descuido (brasas, bitucas de cigarros).

O grupo Simbiose considera como principal agente de destruição dos ecossistemas da Serra do Itapetinga as queimadas que anualmente, além de removerem parte das coberturas vegetais em processo de regeneração, também empobrecem os já frágeis e rasos solos das encostas, dizimam a fauna local e representam real ameaça para a qualidade de vida das populações habitantes do entorno (zonas rural e urbana), dada a quantidade poluente de gases emitidos para atmosfera influenciando os índices de

umidade regionais e corroborando para o aumento no número de doenças respiratórias.

Acredita-se que os sinistros florestais (como são denominados tecnicamente os incêndios) criminosos acontecem em represália ao constante e progressivo trabalho de monitoramento – o qual aspira a uma posterior gestão responsável da Serra do Itapetinga e de seus sistemas ecológicos – vinculado à Simbiose e estariam intimamente correlacionados com proprietários de terras rurais do município de Bom Jesus dos Perdões (a equipe brigadista já efetuou com sucesso três combates a incêndios em áreas que tornar-se-iam pastos no município); com proprietários de terras perdoenses e atibaíenses os quais desejam lotear suas áreas para fins imobiliários; e usuários da Serra descontentes com a recente tentativa de organização e manutenção da área, já que as atividades praticadas por estes necessitariam de uma Pedra Grande abandonada. Muitos também achariam que o local é público, não se justificando intervenções desta ordem. Incêndios não intencionais também ocorrem normalmente provocados por fogueiras e bitucas de cigarros.

Rotineiramente os sinistros florestais se dão em períodos diurnos com temperaturas mais elevadas (12h:00min - 16h:00min) por pessoas manuseando substâncias líquidas/flúidos inflamáveis e isqueiros/fósforos, sendo, todavia, impossível localizar qualquer um destes numa área queimada após uma queimada.

Incêndios noturnos ocorrem com menor frequência e são normalmente iniciados com brasas de fogueiras sopradas pela ação do vento, ou mesmo, por fogueiras mal apagadas. Neste caso, costumam ser identificados os agentes causadores.

O direcionamento político e social determinante para a existência de sinistros florestais na Serra do Itapetinga é nítido, sendo que, para o grupo Simbiose, os muitos interesses explicitados por meio das atividades praticadas na Serra do Itapetinga cessariam ou organizar-se-iam caso não houvesse descaso ou conivência dos proprietários para com suas terras e para com as intervenções executadas nelas, e, caso a titulação como bem público atribuída pelo poder público no tombamento do espaço em questão fosse amparada por políticas que garantissem um ambiente mais seguro e preservado (não apenas

a manutenção mal feita da estrada de acesso em época de festividades municipais e feriados prolongados).



Foto 02: incêndio noturno também na encosta oeste da Serra do Itapetinga, no bairro (loteamento) de São Fernando do Vale. A área localizada em área de proteção permanente (APP) enfrenta distúrbios ambientais constantes, à medida que possibilita o acesso de veículos ao piemonte do Itapetinga. Tais vias foram abertas para que lotes da área fossem vendidos, todavia, a impossibilidade de edificações no local atravança a vontade do proprietário de tornar suas terras um condomínio. Na área mostrada também é possível encontrar captações de água construídas clandestinamente para abastecer as muitas casas ilegalmente fixadas na região.



Foto 05: animal silvestre (sagüi) morto em incêndio e vegetação nativa para plantio de vegetação exótica (Eucaliptos) no município de Nazaré Paulista. A fumaça que se concentra dentro das áreas florestais durante incêndios acaba por confundir e intoxicar a fauna que morre asfixiada ou foge diretamente para áreas queimando.

3. Extração ilegal da flora para paisagismo e comércio



Foto 06: exemplares de *Hippeastrum damazianum* (Amarílis) apreendidos numa manhã de sábado na laje da Pedra Grande com uma única pessoa. A coleta foi realizada por uma mulher que passeava no local junto com sua família. Acredita-se que pertenciam à classe sócio-econômica A, entretanto, ao ser abordada pelo voluntário que realizava àquele momento o monitoramento no local e que a informou sobre a inviabilidade de se coletarem exemplares, dados os impactos ambientais e paisagísticos acarretados (mais o enquadramento de tal prática como crime ambiental segundo legislação ambiental brasileira), a personagem se mostrou surpresa e, portanto, desinformada a respeito do mal que acabara de causar aos ecossistemas em questão. **Motivo da coleta: colocação das flores em vasos com água na sala de estar da família.**

Num bate-papo com uma antiga moradora da área urbana do município de Atibaia sobre a Pedra Grande, foi relatado com pesar que até a década de 1960 quando se observava o alto da laje uma coloração avermelhada pintava quase que a totalidade da área, tornando tal cenário único e exuberante. Ela se referia às Amarílis (flores cortadas mostradas na foto acima), espécie característica deste tipo de afloramento rochoso, mas que hoje não mais embeleza com a mesma intensidade os jardins naturais da Pedra Grande.

Segundo morador da estrada da Laranja Azeda, quando, em 1969, foi aberto acesso até o cume da Serra do Itapetinga, milhares de caminhões, caminhonetes, veículos e sacolas subiam vazios ao ponto e desciam

carregados de exemplares florísticos (orquídeas, bromélias, briófitas, gramíneas, sementes e estacas de árvores, dentre outros) para fins de comércio ou para paisagismo. Sabe-se que tais exemplares ocorriam não só no lajedo como em diversos outros afloramentos configurados ao longo de toda a Serra.

O inchaço urbano misturado à desinformação e desinteresse acerca do meio ambiente, mais o desejo de lucro líquido direto (não há custo representativo na retirada de espécies) por parte de floriculturas atibaíenses e dos municípios que circundam o Itapetinga descaracterizaram a paisagem e promoveram impactos ambientais e culturais, posto que o cenário permeia hábitos e influencia atividades nas populações dos municípios envolvidos, até hoje não compreendidos em suas totalidades.

Sabe-se, no entanto, que tal atividade predatória continua a reduzir as belezas e raridades do Itapetinga, ameaçando cada vez mais a resiliência dos sistemas ecológicos nele existentes.



Foto 07: arranjo de exemplares apreendidos na estrada de acesso à Pedra Grande. Os exemplares foram retirados da laje por um casal o qual alegou como razão do crime ambiental praticado a falta de sinalização informativa. Também assumiram praticar semanalmente tal prática (nos finais de semana). As plantas foram replantadas no local de origem.



Foto 08: infrator surpreendido em flagrante com exemplar de orquídea o qual seria comercializado, visto a quantidade de plantas retiradas e o tipo de ferramenta usada (cavadeira-reta).

3.1. Destruição de vegetação característica de afloramentos rochosos



Foto 09: detalhamento de bulbos de Amarílis, de uma bromélia e do substrato de uma ilha-de-solo no lajedo Pedra Grande na manhã seguinte a um incêndio que destruiu completamente a formação xérica¹ em questão. A ação criminosa provavelmente aconteceu para aquecer grupo de pessoas que estavam na laje na madrugada do dia 26/08/2007. Não é descartada possibilidade de vandalismo, visto o perfil de freqüentadores noturnos da Pedra Grande (gangues, bandidos e usuários de drogas lícitas e ilícitas). Ainda, na mesma madrugada foram queimadas mais três (3) outras ilhas de solo.

De maneira geral, as comunidades de vegetação sobrepostas a afloramentos rochosos, no Brasil, ocorrem entre a Lat 0°S e a Lat 26°S, ou seja, entre a linha do Equador o qual atravessa as regiões norte e nordeste do país e o Estado do Rio Grande do Sul. Tais comunidades foram denominadas pelo Profº Dr. Sérgio Tadeu Meireles, depto. de Ecologia do Instituto de Biologia da Universidade de São Paulo (USP), **ilhas-de-solo**, à medida que remetem a pequenas porções de substrato orgânico com vegetação em meio a afloramentos rochosos configurando-lhes o aspecto de ilhas.

A vegetação habitante destas formações detém características adaptadas a climas e solos secos pouco profundos atualmente só presentes em afloramentos rochosos, uma vez que a presente era geológica favorece a formação de espécies vegetais adaptadas a climas e solos úmidos e profundos. Às comunidades presentes nos afloramentos dá-se o nome **refúgios xéricos**. Sabe-se que estes refúgios localizados em determinados afloramentos da Serra detêm, pelo menos, duas espécies endêmicas (que só

¹ Relacionada a ambientes e condições climatológicas secas.

ocorrem neste determinado local) e outras só encontradas na região da Serra da Mantiqueira - um precioso legado de inestimado valor científico e, até mesmo, cultural, pelo estreito relacionamento da imagem da Pedra Grande com a cidade de Atibaia em escala nacional.

Como ameaças a tais legados cita-se:

- Atos de vandalismo;
- Fogueiras em cima das ilhas-de-solo ou as-utilizando como combustível;
- Utilização delas para estacionamento de veículos;
- Pisoteamento de passantes e praticantes de vôo livre;
- Montagem de asas delta e *paragliders* em cima das ilhas-de-solo;
- Retirada de exemplares da flora destas formações vegetativas;
- Invasão de espécies exóticas (provavelmente Braqueara e Capim-gordura) trazidas pela ação do vento e de ruminantes pastadores;
- Contaminação por vazamentos de óleos e combustíveis dos veículos que acessam a laje da Pedra Grande;
- Contaminação pela deposição de água cinza (água com gordura, sabão, restos de alimentos e substâncias conservantes) vinda do comércio de alimentos na laje e de passantes com suas churrasqueiras e isopores;
- Circulação desenfreada de veículos pelo lajedo, o que já contribuiu para a supressão de, ao menos, 20 ilhas-de-solo.

ILHAS DE SOLO – PEDRA GRANDE





 Ilhas suprimidas  Ilhas queimadas

Foto 10: esquematização sobre foto aérea das ilhas suprimidas e queimadas.



Foto 11: visão geral da mesma ilha-de-solo evidenciada na foto acima. Na tentativa de recuperar a formação vegetal grupo de estudos avançados da USP em parceria com a Eco Pousada Pedra Grande e a Simbiose tentarão segurar o substrato orgânico através da fixação de tela e executarão plantio de sementes e mudas coletadas e produzidas a partir de ilhas-de-solo ainda existentes.



Foto 14: Bromélias pisoteadas em ilha-de-solo. Como experimento para verificar o índice de aceitação de praticantes de vôo livre a viabilidade da aplicação integral de tal medida, durante o feriado de 7 de setembro (07, 08 e 09 de setembro) serão fixadas barreiras impedindo o fluxo de pessoas e carros em determinados pontos da laje. Ilhas-de-solo serão isoladas também.



Fotos 12 e 13: enxurrada e conseqüente deposição de terra da estrada de acesso em ilhas-de-solo localizadas na face leste da laje da Pedra Grande. Tal intempérie acarreta na diminuição de perímetro das formações e soterramento das mesmas, sendo que, as ilhas dispostas em declividades inferiores também têm suas características geológicas e biológicas alteradas. Isto se deve em razão da conectividade existente entre as porções insulares evidenciada por meio de “canaletas de água” intercomunicantes.



Foto 13 e 14: vegetação exótica (capim-gordura) invadindo ilhas-de-solo. A foto 13 demonstra a existência de plantas nativas e típicas desta formação que são sobrepostas e “abafadas” pela dominância da invasora (detalhe bulbos de amarílis). A foto 14 denota um novelo de capim-gordura retirado de uma ilha-de-solo.

3.1.1. Danos causados por praticantes de vôo livre



Foto 15: utilização de uma ilha-de-solo para abertura ou dobradura de um *paraglider*. Nesta, vê-se também que tal prática traz consigo o pisoteamento das formações.



Foto 16: praticantes de vôo livre “dançando” sobre uma ilha-de-solo para efetuarem uma decolagem. A foto denota intenso pisoteamento do raro espaço culminando na transformação do mesmo numa passagem para passantes e veículos.



Foto 17: condição do referido espaço após sua utilização para montagem de asa delta. Caso a imagem fosse aproximada notar-se-iam plantas quebradas, brotos pisoteados e muito lixo.



Foto 18: segunda etapa de uma ilha-de-solo que sofre intensa carga do fluxo de pessoas, veículos e equipamentos de vôo livre. A seguir, vem o desaparecimento da ilha.



07setembro2007 095.mov

Promessa de colaboração de representante dos voadores

4. Parco controle de divisas das terras



Foto 19: a imagem representa fielmente a presente situação do Itapetinga, no que diz respeito a fluxos antrópicos. Existe muito espaço com notória beleza cênica e muitos acessos não conhecidos permitindo o acesso irrestrito a tais cenários, quando não a animais silvestres passíveis de serem caçados, plantas passíveis de serem coletadas ou a minas de água passíveis de serem aproveitadas ilegalmente.

A imagem disposta na página 15 demonstra e quantifica através de uma escala de cores as trilhas e vias existentes em considerável porção da Serra do Itapetinga.

Acredita-se que a maior parte delas é acessada por turistas (trilhas que partem do condomínio Arco-íris – borda oeste e estrada de acesso à laje da Pedra Grande – borda leste), todavia, algumas trilhas teriam sido abertas por caçadores (principalmente porção norte tanto na encosta leste como na encosta oeste). Trilhas utilizadas por animais também foram consideradas localizando-se essencialmente na porção norte da encosta oeste.

É, portanto, o primeiro levantamento de rotas e fluxos realizado na Serra do Itapetinga e seu entorno sendo que, se operado juntamente com outros estudos (perfil de usuários do local, trânsito pelos acessos em razão do tempo, materiais/lixo coletado ao longo deles, grau de preservação e manutenção dos mesmos, etc) possibilitará a geração de informações relevantes para o monitoramento da área e um posterior diagnóstico enfatizando qualitativamente os reais impactos decorrentes da existência de tais acessos e a relevância social e cultural dos mesmos para com as populações de seu entorno.

De início, afirma-se que o grande número de acessos existentes em todas as porções da Serra do Itapetinga impacta negativamente a regeneração das formações florestais e interrompe corredores de fauna existentes, tão como desloca animais para áreas da Serra mais afastadas e menos protegidas, onde tais seres vivos estão menos protegidos e sujeitos a atropelamentos, falta de alimentos e intenso fluxo antrópico (o que inclui caçadores).

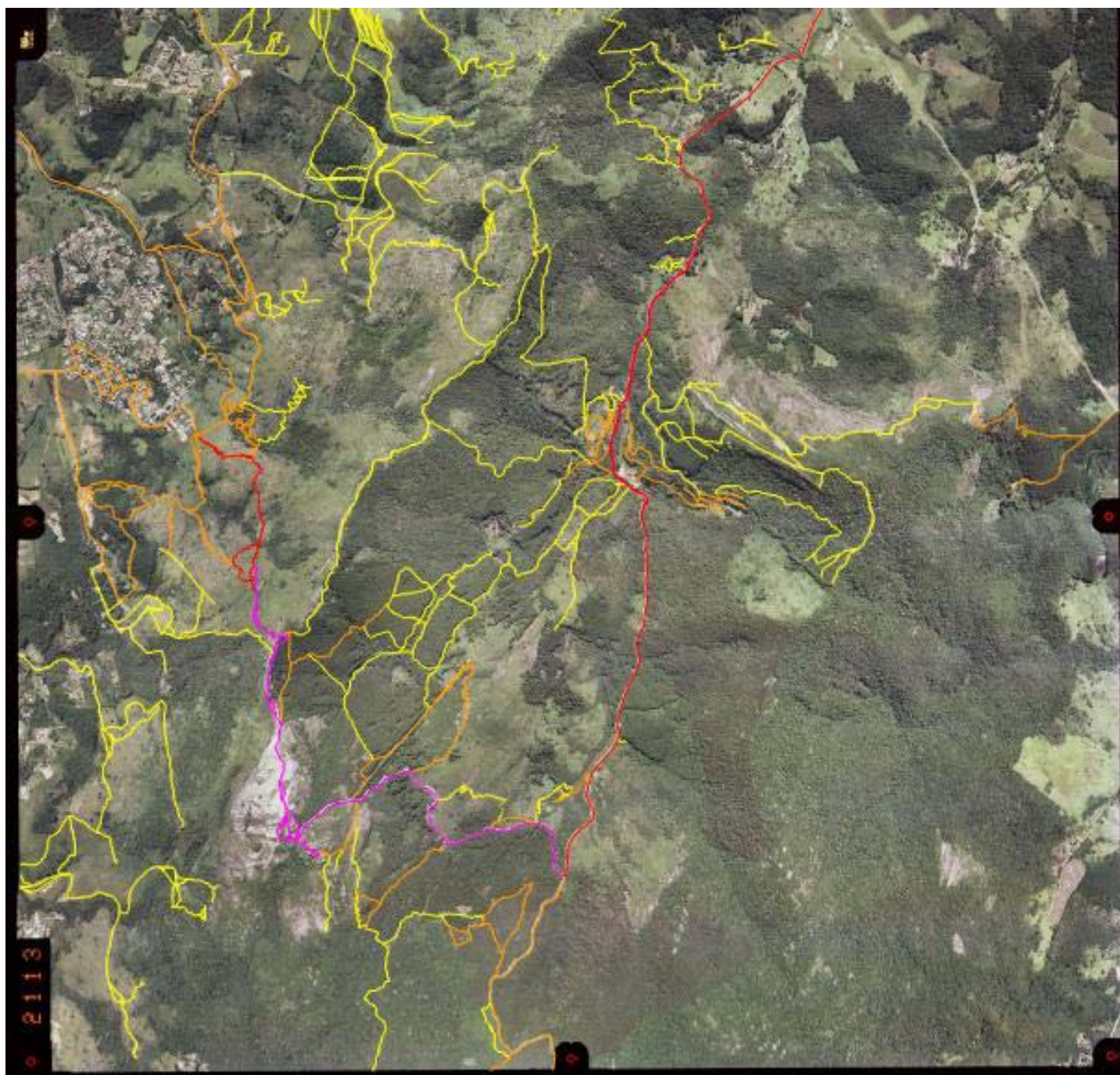


Foto 20: mapeamento de acessos e caminhos (consideradas trilhas, estradas e caminhos abertos por ruminantes pastadores).

||||| – acessos menos utilizados

|||||

||||| – acessos mais utilizados

4.1. Uso e manutenção indevidos de acessos e dos recursos minerais



Fotos 21: barranco lateral da estrada de acesso que sofre constantes deslizamentos em razão da raspagem realizada para alargar a via. Detalhe para o ninho de Pica-pau do campo correndo risco de desabamento.



Foto 22: Talude de solo retirado da encosta da Serra do Itapetinga às margens da estrada de acesso à laje da Pedra Grande para manutenção da mesma. A prática, além impactar visualmente o cenário, intensifica processos erosivos e de intemperismo físico no local em destaque e colabora para o desbarrancamento do solo disposto imediatamente acima do corte.



Foto 23: saída de água com função de evitar processos erosivos ocasionados por enxurradas nos cantos da estrada. No detalhe percebe-se que tal intervenção não está contendo o volume de água proveniente dos trechos mais altos da via, tanto que abaixo vê-se o excedente escoando e cavando caminhos ao longo do canto.



Fotos 24 e 25: trilhas de acesso à Pedra Grande sofrendo intenso processo erosivo devido à falta de vegetação aos seus redores, fazendo com que o fluxo de passantes e a ação da água das chuvas, principalmente, escoem o solo. As fotos foram tiradas na principal trilha (mais usufruída) que leva ao cume do Itapetinga (Pedra Grande). Entretanto sabe-se que todas as trilhas descobertas (sem vegetação) passam por processos similares, representando potencial risco de vida aos usuários e relevante impacto ao ambiente e à paisagem. **Salienta-se que tais trilhas estão localizadas em propriedades privadas.**



Foto 26: a comprometida qualidade da trilha ocasionada pela falta de manutenção e ausência de vegetação, principalmente, obrigou passantes a criarem acesso alternativo no referido trecho da mesma. Tal prática se mostra habitual nas três trilhas localizadas nas terras de Sérgio Brito e, por vezes, os desvios abertos acabam por tornarem-se rotas alternativas distanciando-se, em muito, da trilha original e, assim, levando pessoas a áreas antes não acessadas e, conseqüentemente, mais preservadas. Na imagem observa-se também recente queimada no espaço em questão suprimindo a vegetação de borda da via.

5. Parco controle, monitoramento e gestão da atividade turística



Foto 27: a possibilidade de trânsito de veículos à laje da Pedra Grande (prática condenável devido a existência dos citados refúgios de flora xérica e à facilidade de realização de comércio e fogueiras no recinto), aliada à lamentável condição da estrada engaveta veículos utilitários todos os finais de semana ensolarados e obriga turistas a retornarem frustrados, estacionarem seus comuns automóveis e percorrerem a pé mais 500m de subida íngreme ou a tentarem chegar à laje engatando marcha ré nos mesmos.

Não existe na Serra do Itapetinga qualquer tipo de gestão dos produtos e das potencialidades turísticos, a não ser programas e pacotes oferecidos por empresas, grupos hoteleiros, profissionais liberais e não registrados que se valem dos espaços existentes na Serra para promoverem seus produtos.

A visível falta de gestão da área que arquitete o Itapetinga como um único sistema não condicionado a segmentações político-fundiárias, mas biológicas, hidrológicas e geológicas, dentre muitos outros malefícios, gera quadro totalmente insustentável dos fluxos antrópicos, deflagrado pela má conservação de trilhas e acessos, pelo grande acúmulo de lixo na área, pela devastação de certas localidades com respectiva resiliência comprometida, acima de tudo, pela cumplicidade para com atividades predatórias essencialmente.



Fotos 28 e 29: motoqueiros e “jipeiros” – os grupos de usuários que menos respeitam as belezas naturais do local e as pessoas que tentam preservá-las. Dentre as atrocidades que tais vândalos cometem cita-se o fluxo predatório pelo Parque municipal da Grotta Funda e áreas particulares, à exceção da laje; a derrubada de cercas de restrição a áreas preservadas; a destruição das estradas de acesso e tráfego extremamente irresponsável por elas; o não respeito aos refúgios de flora xérica dispostos na laje; manuseamento de fogos de artifício, aumentando o risco de incêndios e afugentando a fauna local; o desrespeito e agressividade com que tratam voluntários e demais protetores do Itapetinga; a não utilização de placas nas motos; pichação do afloramento rochoso por gangues de motoqueiros e “jipeiros”; dentre outras.



Foto 30: motoqueiro que trafegava em alta velocidade pela estrada de acesso com companheira na garupa de sua moto após queda. Felizmente não houve danos mais sérios a saúde de ambos.



Fotos 31, 32 e 33: cercas de restrição ao acesso para o Parque Municipal da Grotta Funda fixadas voluntariamente por funcionários da Eco Pousada Pedra Grande e que são constantemente violadas e destruídas por grupos de motoqueiros e “jipeiros”.



Foto 34: “parque” de diversões dos motoqueiros e “jipeiros”. As duas rampas localizadas ao lado da estrada de acesso são início de uma trilha aberta pelos mesmos e que rompe a propriedade de Ingrid Mils.



09junho07 132.mov



09junho07 135.mov

Motoqueiros na laje transitando em áreas de risco e entre turistas



15julho07 019.mov

“Jipeiros” acampando e “churrasqueando” em cima de vegetação



Fotos 35 e 36: ilhas-de-solo repletas de lixo deixado por turistas na laje da Pedra Grande. A maior parte dos resíduos (exceto fezes) jogados na Pedra Grande é levada pelo vento às partes mais baixas da encosta, sendo que, estima-se a existência de, ao menos, 2500kg de lixo espalhado pela Serra do Itapetinga (excetuando-se as carcaças de veículos já encontradas na face oeste abaixo da laje). Momentos retratados durante o tradicional passeio de 1º de maio no ano de 2005.



Fotos 37 e 38: parca ajuda fornecida pela prefeitura do município de Atibaia no feriado de 1º de maio de 2007, quando mais de 3500 pessoas chegaram à Pedra Grande a pé ou em veículos. A foto 37 mostra a colocação de um **container de entulho para limpeza colocado em cima de uma ilha-de-solo** e, foto 38, o pouco lixo coletado já na tarde do dia 1º de maio. O motivo: **a maior parte de todo o lixo deixado na laje durante os dias 30/04/2007 e 01/05/2007 já havia sido dispersada pelo vento para as partes mais baixas da Serra.**



Fotos 39, 40 e 41: placas informativas/educativas que foram fixadas pela Simbiose durante o feriado de 1º de maio para os participantes do passeio (fotos 39 e 40) e o que sobrou delas um dia após a data (foto 41).



Fotos 42 e 43: acampamento fixado em cima de ilha-de-solo, cujos responsáveis cortaram troncos de espécie arbustiva nativa para auxiliar a colocação de tenda azul.



Fotos 44 e 45: utilização das vegetações circundantes à laje como banheiro. Os materiais efluentes evacuados nestes sítios findam por contaminar nascentes e fluxos de água inviabilizando seu consumo no topo do morro e comprometendo a salubridade do recurso também em altitudes mais baixas. Os materiais em enfoque corroboraram para a contaminação de fio de água que, em determinada etapa de seu curso margeia a estrada de acesso, servindo como parada para descanso de pessoas desavisadas. Além deste ponto crítico, a mesma água ainda recebe estrume bois e cavalos e chega a uma cachoeira também usufruída por seres humanos.



Foto 46: a carência por uma estruturação administrativa do Parque Municipal da Grotta Funda, no que tange ao controle e monitoramento de seu perímetro torna habitual a invasão do local para práticas como a sugerida acima. O acúmulo de lixo também é crescente, à medida que aumentam as incursões ao parque.



Foto 47: exemplar de fauna da região (Jacu-açu) esmagado por veículo na estrada de acesso ao lajedo Pedra Grande. A atual grande população desta ave ocasionada por possível desaparecimento de seus predadores ou abundante oferta alimentícia têm feito com que os animais tenham que buscar alimento em áreas com maior movimentação humana (foram encontrados grupos de Jacu-açu na área central de Atibaia, inclusive), tal como beiras de estradas. A condução irresponsável de motoristas em alta velocidade ou desatenção dos mesmos provoca este tipo lamentável de acidente. Já foram atropelados, dentre muitos outros, lebres, roedores, saracuras, cobras, lagartos e uma jaguatirica.

6. Fogueiras e churrascos



Foto 48: resto de fogueira que foi acesa durante madrugada de final de semana na laje da Pedra Grande. Comumente grupos de jovens se dirigem ao local após o término das famigeradas “baladas” para continuarem seu divertimento e levam consigo carvão (ou facões), isqueiros e estopins utilizados nas fogueiras. Os facões ajudam a retirada de mata nativa (caso não haja carvão vegetal) e, quando não há instrumentos de corte, ilhas-de-solo costumam ser queimadas para desempenharem função de fogueiras. No detalhe, fumaça evidenciada horas depois de a fogueira ter sido abandonada.



Foto 49: combustível (carvão vegetal) deixado em vegetação próxima à laje.



Foto 50: brasa de carvão incandescente. Alto risco de incêndio, visto que na data desta foto não chovia há pelo menos dois meses e meio.



Fotos 51 e 52: churrasco coibido por voluntários num final de semana na Pedra Grande. A carne destacada na primeira foto pode atrair animais para áreas com grande circulação de pessoas, provocando riscos para a fauna local, portanto, além de ser uma fonte de alimento nada aconselhável, dado o grau de produtos nocivos (conservantes, corantes, hormônios, etc) presentes no alimento. A foto 52 evidencia a apreensão de bebidas alcoólicas e carvão para churrasco. Tais produtos estavam sendo consumidos e comercializados por seus proprietários.



Fotos 53 e 54: corte de exemplares de vegetação nativa utilizados como combustíveis em fogueira.

7. Vandalismo



Foto 55: exemplo do que ocorre com as muitas placas educativas, informativas e restritivas fixadas mensalmente ao longo dos acessos para o lajedo Pedra Grande, tão como nele. Somente o controle, monitoramento e gestão efetivos podem evitar tal tipo de descaso para com o espaço e seus habitantes.

Tais atrocidades desproõem o visitante bem-vindo de informações necessárias tanto para o cumprimento de seu passeio como de implicações necessárias para que ele transcorra de maneira responsável e respeitosa (não retirar exemplares de flora, por exemplo). Pichações, porte de armas brancas, acúmulo de lixo em acessos, dentre outras ainda transmitem ao turista uma imagem de abandono e falta de segurança na localidade, corroborando para que procure destinos geridos mais responsabilmente e que garantam sua permanência com as qualidades aspiradas.



Foto 56: um exemplar de um sistema de placas projetado e fixado voluntariamente por ONG atibaiense e que objetivava informar “trilheiros” a respeito das possíveis rotas a serem tomadas poucos meses após sua inauguração.



Fotos 57 e 58: pichações grafadas na laje da Pedra Grande e ao longo de um dos trechos subterrâneos das trilhas de acesso na encosta oeste do Itapetinga (lado atibaiense). Vale ressaltar que as fotos demonstram atos de vandalismo cometidos por visitantes os quais, por suas escrituras, não são cidadãos atibaienses. Pichações de residentes da cidade de Atibaia também podem ser vistas pelos espaços demonstrados acima.



Foto 59: ruínas de benfeitoria edificada no final da década de 1980 pela família Brito em suas terras, mais especificamente num ponto bastante visitado e conhecido como Gruta dos Monges. A pequena casa, construída para abrigar caseiro o qual seria responsável pela vigília da propriedade, foi queimada por vândalos que, segundo um dos proprietários, sequer se importaram se havia alguém na casa ou não. Provavelmente a ação ocorreu pois a fixação de um posto de vigília numa área utilizada por muitas pessoas com diversificados propósitos (apreciação, consumo de substâncias ilícitas e roubos) representou uma ameaça a continuidade de tais práticas, mesmo que em área privada.

7.1. Porte de armas brancas



Foto 60: facão em cabo de 60cm de comprimento com os escritos “Black Musica” e “Adoração Total” apreendido no último feriado de 07 de setembro junto a grupo de jovens evangélicos do Jardim Cerejeiras que praticavam rapel na Pedra Grande sem profissional habilitado e sem equipamentos básicos de segurança exigidos por lei. Vale salientar que uma das duas cordas de que se valiam os praticantes amadores e descuidados havia sido emprestada do pai de um dos “mais velhos”. **Seu pai era servente de pedreiro e a utilizava em sua rotina de trabalho.**



Foto 61 e 62: estilete encontrado na Pedra Grande em 04-09-07.

8. Cerimoniais ritualísticos



Foto 63: convite (*folder*) para queima de roupas velhas “no alto do monte”, isto é, na Pedra Grande. O culto é praxe dentre evangélicos, ocorrendo, ao menos, mais de duas vezes ao ano. Reunidos na laje os participantes oram, festejam, queimam roupas que poderiam ser destinadas a pessoas necessitadas e, com isso, também colocam toda a Serra do Itapetinga sob grande risco de incêndio em nome de uma prática, no mínimo, bizarra e inconseqüente.

Não se sabe certamente o motivo que leva diferentes cultos a serem manifestados na Pedra Grande. Sabe-se, entretanto, que as cerimônias afro-brasileiras costumam escolher afloramentos rochosos como a laje (no Rio de Janeiro vê-se tal costume também) porque têm origem em práticas que também eram desempenhadas em lajedos e rochas postas em altos de elevações montanhosas na África. O costume, desta forma, teria sido herdado pelos escravos trazidos ao Brasil a partir do período colonial.



Foto 64: restos de culto afro-brasileiro (Umbanda) envolvendo sacrifício de animais. Há pontos da laje menos frequentados e que contam com vegetação típica de bordas de cerrado (mais propensa a incêndios) onde se encontram, por vezes, dezenas de tigelas de barro e velas como as observadas acima.



Foto 65: dois galos que possivelmente escaparam de serem sacrificados encontrados num domingo de manhã ciscando em trilha nas proximidades da Pedra Rachada, o conhecido "Cucucruto". Os animais foram levados ao galinheiro da Eco Pousada e, hoje, ajudam a aumentar o número de galináceos no local, tão como são ótimos preparadores de terreno para plantio de hortaliças.



Foto 66: desperdício de alimento seguido de conseqüente contaminação de fio de água às margens da estrada de acesso à Pedra Grande, exemplificando mais uma vez os prejuízos causados por rituais na Serra do Itapetinga.



Fotos 67 68: impressionante cruz com um dos paus medindo mais de 5m de altura e que foi carregada até a Pedra Rachada por membros da Juventude Cristã (havia a presença de estrangeiros, inclusive) para poder ser fixada no alto da mesma. A adoração foi freada por voluntários e a cruz foi descida de volta ao seu local de origem.

9. Especulação imobiliária

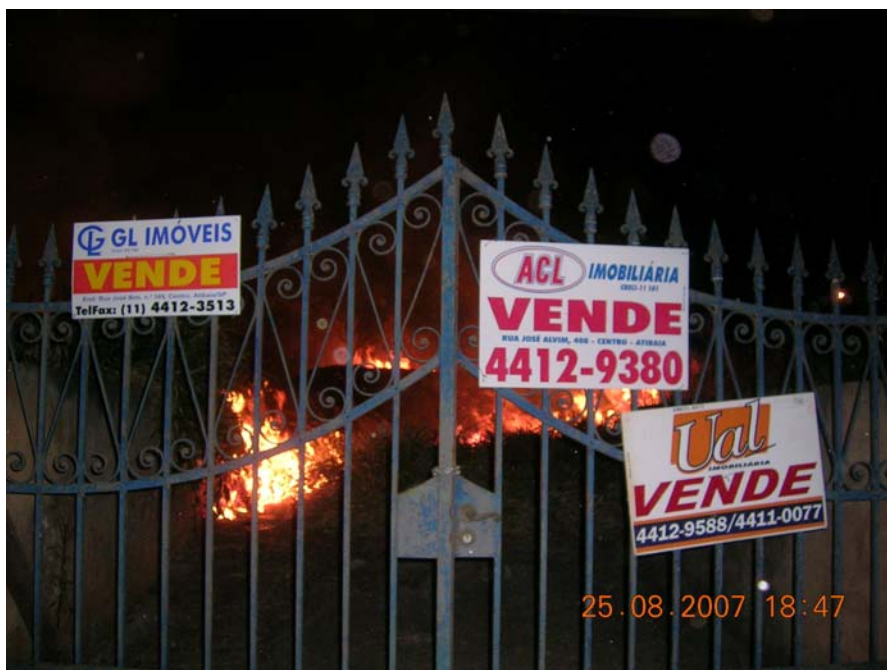


Foto 69: convivência de conhecidas imobiliárias do município de Atibaia para com queimadas as quais “limpam” terrenos, muitas vezes em situação irregular, objetivando o loteamento da área. A foto foi retratada em terreno no bairro Jd. Dos Pinheiros, próximo à estrada da Laranja Azeda, um dos acessos para a estrada que chega à laje da Pedra Grande. **Quem deve se responsabilizar por tal ato?**

O empreendedorismo predatório aliado a uma mentalidade e postura conservadoras, as quais são alicerçadas por influências sentidas em meio à sociedade civil e através da representatividade dentro da câmara de vereadores e de altos gabinetes, corroboram para que o desejo por lotear terras, atribuído a boa parte dos proprietários fundiários do Itapetinga, ameace cada vez mais a perpetuação dos sistemas ecológicos e da paisagem atibaense.

O município, entrecortado por duas importantes rodovias e contido dentro da área mais povoada do Brasil (localizado dentro de um triângulo, cujos vértices são São Paulo, Campinas e São José dos Campos) assistiu intacto sua população dar um representativo salto de aproximadamente 30 mil habitantes num período de 13 anos e compreendido entre os anos de 1994 (86.193ha.) e 2006(117.000ha.).

Descontados todos os males econômicos , sociais e culturais acarretados com o referido inchaço, salienta-se a necessidade de proteção do maior patrimônio do município – a Serra do Itapetinga – vista a excepcionalidade de sua paisagem que atrai muitos empreendimentos

imobiliários e a garantia, por lei, de sua preservação (o citado espaço é tombado pelo CONDEPHAAT, considerado Área de Proteção Ambiental, Reserva da Biodiversidade, além de abrigar uma RPPN).